

Na Sala de Aula

QUARTA-FEIRA | 3 | DEZEMBRO | 2008

Crianças integram oficina de reciclagem, que conta com papel usado e doado pela prefeitura de Imbituba e pela comunidade



MARCELO BECKER - ESPECIAL

Alunos de Imbituba dão show de reciclagem

AMBIENTE

Parceria desenvolve a preservação

Acordo entre a Universidade Federal de Santa Catarina e o Colégio Getúlio Vargas, em Florianópolis, leva para a escola a disciplina de Educação Ambiental. **Páginas 2 e 3**



Professora Elís Gomes de Souza em aula prática com os alunos do Getúlio

SUSI PADILHA

NOVA ORTOGRAFIA

Reforma no Português deve ser gradual

Secretaria de Estado da Educação traça o plano de aplicação da reforma ortográfica, que deve começar no ano que vem, um tema que divide a opinião dos estudantes catarinenses. **Página 4**

BULLYING

As agressões inconscientes que marcam

Professores e psicopedagogos avaliam o que provoca na cabeça dos estudantes agressões como chamá-los de "orelhudos", "narigudos" ou "quatro olhos". **Página 8**

Apresentação

O assunto já foi abordado neste suplemento, mas é preciso voltar a ele, até porque o problema não acabou e não há perspectivas de bani-los das comunidades escolares. Bullying é uma palavra inglesa e estranha aos nossos ouvidos, mas o significado dela está no cotidiano dos colégios. É comum uma criança ser chamada de "Dumbo", se tiver orelhas de abano, "quatro olhos" se usar óculos, e tantos outros apelidos ou agressões que são carregadas pelos estudantes. Há relatos de casos de alunos que presenciam as agressões verbais, mas optam em se calar, pois são intimidados.

O bullying é um problema longe de ser resolvido, mas a novidade é que está mais presente nas discussões escolares. Na Escola Silveira de Souza, na Capital, por exemplo, os professores estão abordando o tema entre os alunos, o que é um avanço. A psicopedagoga Márcia Fiates alerta que as vítimas do bullying são afetadas emocionalmente e, em alguns casos, podem levar o problema para a vida adulta. Ela observa que os próprios agressores são pessoas com problemas psicológicos. Outra psicopedagoga, Laura Gonçalves Costa, ressalta a importância da escola discutir o assunto em aula, já que a vítima não consegue se defender.

O bullying é um dos temas da última edição deste ano do DC na Sala de Aula, suplemento editado pelo **Diário Catarinense** e publicado com a parceria da Secretaria de Estado da Educação. Há outros assuntos interessantes nesta edição, como a parceria entre a Universidade Federal de Santa Catarina e o Colégio Getúlio Vargas, na Capital.

O convênio levou à escola a disciplina de Educação Ambiental, na qual os alunos de 4ª série aprendem sobre o assunto meio ambiente na teoria e na prática. Na matéria ao lado, a acadêmica Elís Gomes de Souza, uma das que lecionam a nova disciplina, demonstra como tem feito no Getúlio Vargas. Usou uma área atrás do colégio para levar em frente o projeto da horta escolar.

O suplemento ainda traz outras atrações, como o trabalho de reciclagem em Imbituba e desenhos elaborados por crianças e adolescentes. Tenha uma boa leitura.

Alunos semeiam preservação

As questões ambientais ocuparam o discurso da mídia. Plantar árvores, reciclar o lixo, economizar água e luz são idéias difundidas nos meios de comunicação. Nas escolas não é diferente. Aulas de educação ambiental e eventos sobre o tema têm feito parte do cotidiano escolar.

No Colégio Getúlio Vargas, em Florianópolis, uma parceria com a UFSC levou aos alunos de 4ª série a disciplina de Educação Ambiental. Nela, os estudantes aprendem o assunto meio ambiente na prática e na teoria. A aluna da sexta fase do curso de Engenharia Sanitária e Ambiental da UFSC Elís Gomes de Souza é uma das professoras da disciplina. Ela diz que entre as questões levantadas nas aulas estão a água, lixo reciclado e ecossistemas.

– Realizamos saídas e nelas procurei sensibilizá-los. Fomos a manguezais, que é um ecossistema bastante presente em Florianópolis e ao Museu do Lixo, da Comcap (Companhia Melhoramentos da Capital).

Além disso, os alunos aprenderam a recuperar o solo de um terreno atrás do colégio para tocar a horta. Cenoura, beterraba, feijão são alguns alimentos plantados pelos estudantes. A idéia, de acordo com Elís, é que, no final do ano, eles possam colher verduras e legumes para levar para casa. O projeto procura envolver funcionários da escola, que separam o lixo para a reciclagem, e o lixo orgânico para adubo.

A aluna do curso de Ciências Biológicas da UFSC Gabriela de Oliveira Gomes também ministra as aulas de Educação Ambiental. Ressalta que tenta trabalhar o tema sustentabilidade com os alunos.

– Eles ouvem tanto essa palavra, mas não entendem. Agora eles têm mais noção.

Gabriela se preocupa em levar o conteúdo aos pais dos alunos. Relata que o colégio realizou uma semana, aberta à comunidade, com apresentação de trabalhos sobre meio ambiente e outros assuntos.

Alunos aprovam a disciplina ambiental

A disciplina é bem aceita pelos estudantes. As duas professoras percebem o envolvimento deles, tanto nas aulas práticas quanto nas teóricas. Guilherme Vieira Helário, 13 anos, é um dos que participam ativamente da disciplina. Ele afirma que se preocupa com a preservação do ambiente, principalmente em relação ao futuro.

– Se eu não me preocupar, vou deixar o quê para os meus filhos? É como uma propaganda na TV, que mostra no futuro uma imagem da Terra destruída e queimada.

O colega Sidnei João Pereira, 13 anos, gosta bastante de cuidar da horta. Diz que aprendeu a adubar e a plantar alimentos. Ele também afirma que se preocupa em não desperdiçar água.



A acadêmica Elís Gomes de Souza em aula prática com os alunos Sidnei e Guilherme

SUSI PADILHA

Grupo **RBS** **DIÁRIO CATARINENSE**

Na Sala de Aula

Diretor-Geral e Institucional: Marcos Noll Barboza
Diretor-geral de Produto/SC: Cyro Silveira Martins Filho
Editor-Chefe: Claudio Thomas
Gerente Comercial: Marcelo Marthá
Gerente de Operações: Adriano Araldi
Coordenadora do programa: Vanessa Sanceverino Esteves
Textos do DC: Júlia Lorenço e Marcelo Becker
Diagramação: Keli Cumerlato
Fotos: Susi Padilha, Daniel Conzi e Marcelo Becker
Edição: Tarcísio Pogliá

Comunique-se com o DC:

Rua: Desembargador Pedro Silva, 2958 – Itaguauçu – Florianópolis- SC
(48) 3216-3444
Fax: (48) 3216-3355
E-mail: nasaladeaula@diario.com.br

Parcerias

Projetos feitos na escola Getúlio Vargas com a UFSC

Horta

Em um terreno nos fundos da escola, alunos realizaram a recuperação do solo para cultivar alguns alimentos. Cenoura, beterraba, abobrinha, feijão, cebolinha, alface, melão e até mesmo plantas medicinais foram plantadas pelos alunos da quarta série da disciplina de Educação Ambiental.

Captação de água

Para não gastar água irrigando a horta, o colégio conta com um sistema de captação da chuva. Eles têm uma cisterna de cinco mil litros e, para levar água à plantação, eles não gastam energia elétrica. O bombeamento é feito com uma mangueira de microaspersão.

Resíduos

O projeto de separação de lixo é realizado junta-

mente com os funcionários da limpeza. Eles foram orientados a separar o material reciclável da escola e também o lixo da cozinha (cascas de frutas e verduras). O lixo reciclado foi revertido em lucro para os funcionários. Hoje, eles contam que separam o lixo em casa também, conseguindo uma renda extra.

Composteira

Uma composteira é um local onde o material orgânico, junto com folhas secas ou grama, é transformado em adubo. Na escola, a composteira tem sido formada próxima à horta com a ajuda de servidores, em especial da zeladora dona Amélia. Elís explica que em contato com o ar, o lixo e todo material vão se decompondo e formando um adubo rico.

– Se a pessoa comprar esse adubo em alguma lugar, vai pagar caro por ele.

Mande-nos sugestões para que, juntos, possamos aprimorar nosso trabalho. Descreva as experiências positivas ocorridas em sua escola e envie os trabalhos realizados através da Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina.



FOTOS SUSI PADILHA

Stefanie Martins, Luiz Eduardo Michquinis, Mariana Ramos e Douglas Faustino participam de atividade ambiental

Alunos vão à conferência nacional

O meio ambiente também está em pauta no Instituto Estadual de Educação (IEE), em Florianópolis. Alunos de 5ª e 6ª série participaram da etapa escolar da 3ª Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente, realizada pelo Ministério da Educação, em três fases: escolar, estadual e nacional.

Na primeira etapa do trabalho, os estudantes do colégio foram divididos em grupos e em temas: água, ar, terra e fogo. Com esses assuntos, eles produziram cartazes, que foram julgados. Além disso, eles plantaram 150 mudas de árvores canafístula ou cássia-imperial, no terreno da escola.

A escola selecionou cinco alunos para participar da etapa estadual da Conferência. Depois, vem a fase nacional do evento, em que os estudantes entre 11 e 14 anos vão para Brasília, entre os dias 3 e 8 de abril de 2009, debater os assuntos dos cartazes e montar uma carta à sociedade.

A professora de ciências e biologia, Maria Cristina Nazário Purificação, que orientou os trabalhos, relata que antes de os alunos produzirem os cartazes, ela trabalhou o assunto meio ambiente com filmes, cartilhas e discussões de problemas locais.

Para produzirem os cartazes, os alunos precisaram argumentar a escolha do tema e apresentar contribuições para mudar a realidade.

A aluna da 6ª série, Mariana de Oliveira Ramos, 12 anos, fala que

achou a atividade boa, porque ofereceu mais conteúdo aos alunos. Mariana escolheu o ciclo da água para ilustrar o cartaz e afirma que gosta de acompanhar o assunto meio ambiente em revistas, livros, mas principalmente em jornais.

Mariana afirma que separa o lixo em casa e que se preocupa em não poluir:

– Se a gente não tiver consciência, quem vai ter?

Assim como ela, os alunos da 5ª série Stefanie Martins e Douglas Hinkel Faustino, os dois com 11 anos, disseram que as atividades foram interessantes e que foi possível aprender coisas novas.

– Aprendemos muito sobre aquecimento global, também aprendi a filtrar água, o que eu desconhecia – revela Douglas.

Uma questão cultural

O professor Leandro Belinasso Guimarães, do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e consultor ambiental, acredita que o meio ambiente é uma questão cultural e histórica. Para ele, o assunto pode ser tratado de duas maneiras nas escolas.

A primeira seria levar o tema ao âmbito cultural e fazer uma reflexão sobre como a natureza aparece nos jornais, propagandas, letras de músicas e televisão.

– É avaliar de que modo o meio ambiente vem sendo representado. É o que temos aprendidos sobre o assunto nesses meios culturais.

Outra forma de abordar o conteúdo em sala de aula, de acordo com Belinasso, é questionar os estudantes como é o meio ambiente no local

onde eles moram.

– Os professores podem sugerir que eles conversem com pessoas mais velhas, para saber como o lugar foi se transformando e descobrir o que aconteceu ali. Desta maneira, os alunos perceberão que podem ser protagonistas da mudança.

O consultor observa que esses dois questionamentos levantam uma reflexão mais profunda e trazem o meio ambiente para perto dos estudantes.

– Eles começarão a entender que o meio ambiente é um lugar onde eles estão, e não algo longe. Geralmente, os jovens são levados para bosques, reservas, lugares que ficam afastados de onde eles vivem. Belinasso acredita que essas formas de trabalhar o assunto são mais densas, completas e continuadas do que realizar atividades pontuais, como reciclagem de lixo.



Luiz Eduardo, do IEE, elaborou um cartaz e teve o trabalho pré-selecionado

Pertinho do objetivo

O aluno da sexta série do Instituto Estadual de Educação (IEE), Luiz Eduardo Michquinis, 12 anos, colocou sua preocupação com o meio ambiente num cartaz, para participar da 3ª Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente, etapa escolar. O trabalho foi um dos cinco selecionados para disputar a Conferência Estadual, que deverá terminar até dia 8 de março de 2009.

Se o trabalho for escolhido novamente, ele irá à Conferência Nacional, em Brasília, a ser realizada de 3 a 8 de abril.

No cartaz, Eduardo desenhou o mundo preservado, como era antes, e como o mundo está hoje, poluído e devastado. Além disso, ele colocou um homem cortando uma árvore e escreveu “não ao desmatamento”, e uma pessoa regando uma planta, com os dizeres “sim à preservação”.

Eduardo afirma que gosta de acompanhar o assunto meio ambiente e ressalta que o importante é preservar o mundo para as próximas gerações. Além disso, o aluno afirma que sempre separa o lixo reciclável em sua casa e deixa para os catadores de papel recolherem.



SUSI PADILHA

Em Florianópolis, a professora Salomé Pires já começou a transmitir as novas regras aos alunos, mas tem ensinado as mudanças em "doses homeopáticas"

A aplicação da reforma ortográfica

Em 2013, "idéia" vira "ideia", "freqüente" será "frequente" e "vêem" ficará "veem". É a reforma ortográfica que passa a valer a partir de 1º de janeiro de 2009 e tem um prazo de quatro anos para ser definitiva. No entanto, escolas estão de olho nas mudanças e alunos, tendo contato com as regras novas.

O gerente de ensino fundamental da Secretaria de Estado da Educação, Isaac Ferreira, informou que 2009 será um ano para a adaptação e divulgação do assunto.

– A proposta é que a partir do próximo ano instituem-se as novas regras ortográficas e estas passarão a ser abordadas nas aulas de Língua Portuguesa nos momentos de análise lingüística do texto produzido pelo aluno.

A previsão do Ministério da Educação (MEC) é que em 2010 todos os livros didáticos de 1ª a 5ª série – cerca de 80 milhões de exemplares – deverão estar adequados às normas. Já os livros de 5ª a 9ª série

deverão estar corrigidos em 2011, e os de ensino médio, em 2012.

No entanto, no Colégio Irineu Bornhausen, em Florianópolis, a professora de Língua Portuguesa da 6ª e da 7ª série, Solomé Pires, 45 anos, conta que já começou a passar as novas regras aos seus alunos. Ela mesma criou um resumo com as alterações das palavras e pediu a ortografia nova nas redações escritas pelos estudantes.

– Estou aplicando as mudanças, mas em doses homeopáticas. No próximo ano, quando começar a valer, estaremos preparados para as adaptações.

A professora observa que os alunos encaram as mudanças numa boa. Ela acredita que seja mais fácil para eles do que para os próprios professores.

– Estou há mais de 20 anos escrevendo de um jeito e agora tenho que me adaptar – observou a professora.

Hífen e acentos causam mais dúvidas

Além disso, ela conta que muitos

**ISAC FERREIRA,
GERENTE DE ENSINO DA
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO**
"A proposta é que, a partir do próximo ano, instituem-se as novas regras, e será um período de adaptação"

estudantes dificilmente acentuavam as palavras e com a eliminação dos sinais nos ditongos abertos, o problema irá deixar de existir.

Os alunos de Salomé confirmam que a nova grafia das palavras não é difícil de se aprender. A maioria deles considerou o hífen a alteração mais complicada. As regras envolvendo os acentos também geraram dúvidas.

A aluna Evelyn Justino, por exemplo, achou a acentuação a parte mais difícil da reforma. Ela conta que sempre teve a mania de acentuar corretamente todas as palavras e até mesmo corrigir as pessoas que não acentuavam.

– Agora, eu vou ter que me acostumar a escrever sem os acentos.

A opinião é contrária a da colega Mayara Soares da Silva, que achou a retirada dos sinais a parte mais fácil do acordo. Para ela, aprender a regra dos hífen foi o mais complicado.

– Algumas palavras ficaram estranhas, como "contrassenso", que ganhou um S.

A colega Karine Gisele Correia dos Santos também considerou o hífen a regra mais difícil de pegar.

– Também achei algumas palavras estranhas como "subumano", de "sub-humano".

No colégio, todos os professores de todas as séries e disciplinas também aprenderão as regras novas. Salomé disse que, no próximo ano, eles terão uma espécie de minicurso para aprender as mudanças da gramática.

O que muda

Acento agudo

É eliminado nos ditongos abertos "ei" e "oi" de paroxítonas, como "assembleia" e "heroico".

Trema

É extinto. Exemplos: "linguística" e "aguentar"

Circunflexo

Suprimido nas formas verbais "creem", "leem", "deem", "veem" e seus derivados. Também eliminado em casos de duplo "o": "voo", "enjoo", "abençoó".

Hífen

Não se emprega quando o prefixo ou falso prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por "r" ou "s", devendo essa consoante ser duplicada. Palavras como "anti-religioso" e "anti-semita", ficam "antirreligioso" e "antisemita". Em formações com os prefixos acentuados "pós", "pré" e "pró", quando o segundo elemento tem vida à parte, mantém-se o hífen, como "pré-requisito".

Acento diferencial

Passa a ser facultativo em "forma" (substantivo e verbo) e "fôrma" (substantivo). É eliminado em palavras homógrafas. Ficam sem acento "pára" (verbo) e "para" (preposição). Também desaparece em "pela", "pelo" e "polo". A exceção é a manutenção do diferencial entre "pôde" e "pode"

Alfabeto

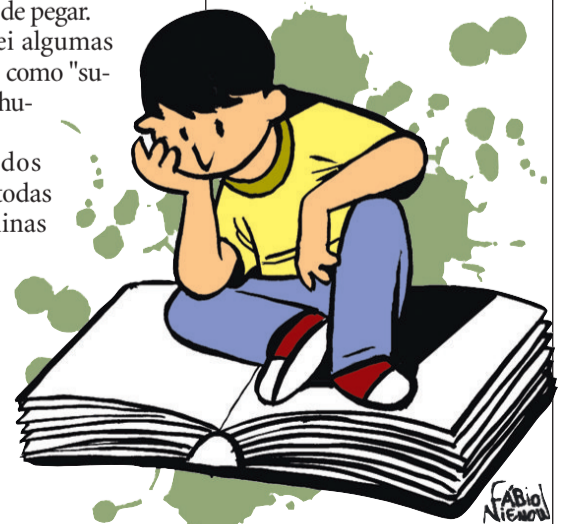
Aumenta para 26 letras, com a incorporação de "K", "W" e "Y".

Vogais tônicas

Não levam acento agudo as tônicas "i" e "u" das paroxítonas precedidas de ditongo. Passa-se a escrever "feitura". Não leva acento agudo o "u" tônico de formas rizotônicas dos verbos "arguir" e "redarguir": "arguis", "argui", "redarguis" e "redargui"

Dupla grafia

Facultativamente, o acordo autoriza a dupla grafia para fazer diferenciação: "louvámos" (passado) em oposição a "louvamos" (presente)





FOTOS MARCELO BECKER, ESPECIAL

Estudantes da Escola Básica José Vanderlei May transformam em arte o papel usado que recebem da comunidade

Uma aula de reciclagem

Imbituba

Crianças integrantes da oficina de artesanato de uma escola de Imbituba descobriram que os jornais velhos guardados há dias ou meses ainda podem dar uma grande contribuição à cultura.

Com esse material, o grupo de 70 estudantes confeccionou telas de pintura, produziu bonitos desenhos e ganhou uma nota 10 na aula que de uma só vez revelou talentos artísticos e começou formar cidadãos preocupados com a reciclagem.

O projeto Aprendendo a Pintar foi iniciado em abril e teve como organizadora a instrutora de artesanato Marlene Kjellin, de 57 anos, que pensou em aproveitar os materiais recicláveis de uma maneira diferente.

– Artesanato com papel picado é bem comum e já estava algo bem cansativo, sem nenhuma novidade. Aí tive a idéia de juntar na mesma ação a reciclagem e a pintura – diz a instrutora, que desenvolve a oficina de artesanato na Escola Básica José Vanderlei May, onde estuda a maioria das crianças do projeto.

O primeiro passo foi juntar os jornais doados pela prefeitura e



Renato Machado descobriu que alguns sonhos não são tão difíceis de realizar

comunidade e recortá-los em tamanhos iguais. Para criar as telas foi só colar as folhas umas sobre as outras até formar um superfície consistente e pintar com tinta guache de cor branca a última face.

Como as crianças tinham pouca prática com pintura, Marlene sugeriu como tema o meio ambiente em que elas vivem, o que facilitaria na hora

de começar a trabalhar. A partir daí entrou em jogo a paciência e habilidade da instrutora, que não mediu esforços para ensinar um por um como pintar com tinta guache os esboços rabiscados na etapa anterior.

Nas duas páginas seguintes, confira os trabalhos realizados pelos estudantes da Escola Básica José Vanderlei May, de Imbituba.

Desenhos mudam vida

À medida que as pinturas nas telas eram produzidas, a vida de alguns dos autores passava por alguma transformação. Renato Machado, de 10 anos, descobriu nos desenhos que diversos sonhos na vida não são tão difíceis de serem realizados.

O garoto sempre foi o mais quieto da turma de artesanato. Tímido, participava pouco das ações da turma, mas quando terminou de fazer um desenho, saltou e deu um grito como quem ganha o primeiro lugar em uma competição.

– Eu consegui – berrou ele, chegando a assustar alguns colegas.

Para a professora Marlene, a conclusão do desenho fez abrir uma porta na cabeça do menino.

– Ele soube que se pode fazer muitas coisas na vida, a pintura foi

apenas uma delas – explica.

Observar a natureza e descrevê-la em uma tela também ajudou a vida de Achillis Martins, de 28 anos, aluno portador de necessidades especiais. Ele já produzia alguns desenhos na Apae, onde estuda, mas pintar a baleia franca foi uma experiência diferente.

– É bem legal. Com a tinta, a baleia é bonita na água e também ficou assim no papel – mostra.

Outro aluno que caprichou na oficina foi Victor Pacheco dos Santos, de 11 anos, o mais “tagarela”, disposto e agitado da turma. Apesar do talento com os pincéis, tem outros planos para o futuro.

– Não decidi ainda, mas acho que vou ser bombeiro ou presidente da República – diz o garoto, que pelo jeito desinibido, vez por outra, ouve alguém dizer que será advogado ou político.



Achillis Martins já havia produzido desenhos na Apae, mas agora é diferente

Como fazer

- 1) Pegue os jornais velhos e recorte 10 folhas de tamanhos iguais;
- 2) Cole as folhas umas sobre as outras até formar uma superfície firme. Se precisar, utilize mais algumas folhas. Aguarde 24 horas para secar o material;
- 3) Pinte com tinta guache branca a última folha. Espere mais 24 horas para que a folha fique seca e fique semel-
- lhante a uma tela de pintura convencional;
- 4) Faça a lápis um esboço do desenho planejado;
- 5) Por último, deixe a criatividade trabalhar com as tintas e pincéis. Se preferir, dê alguns retoques com tinta de tecido ou qualquer outro material para deixar a pintura brilhosa e atraente.



O mais falante Victor Pacheco dos Santos ainda não decidiu o que vai fazer

Os promissores talentos de Imbituba



Luana Maria Ribeiro, 12 anos, 5ª série



Achilis Martins, 28 anos, aluno especial



Sérgio Cunha da Silva, 10 anos, 3ª série



Douglas Matias, 11 anos, 5ª série



José Victor, 12 anos, 5ª série



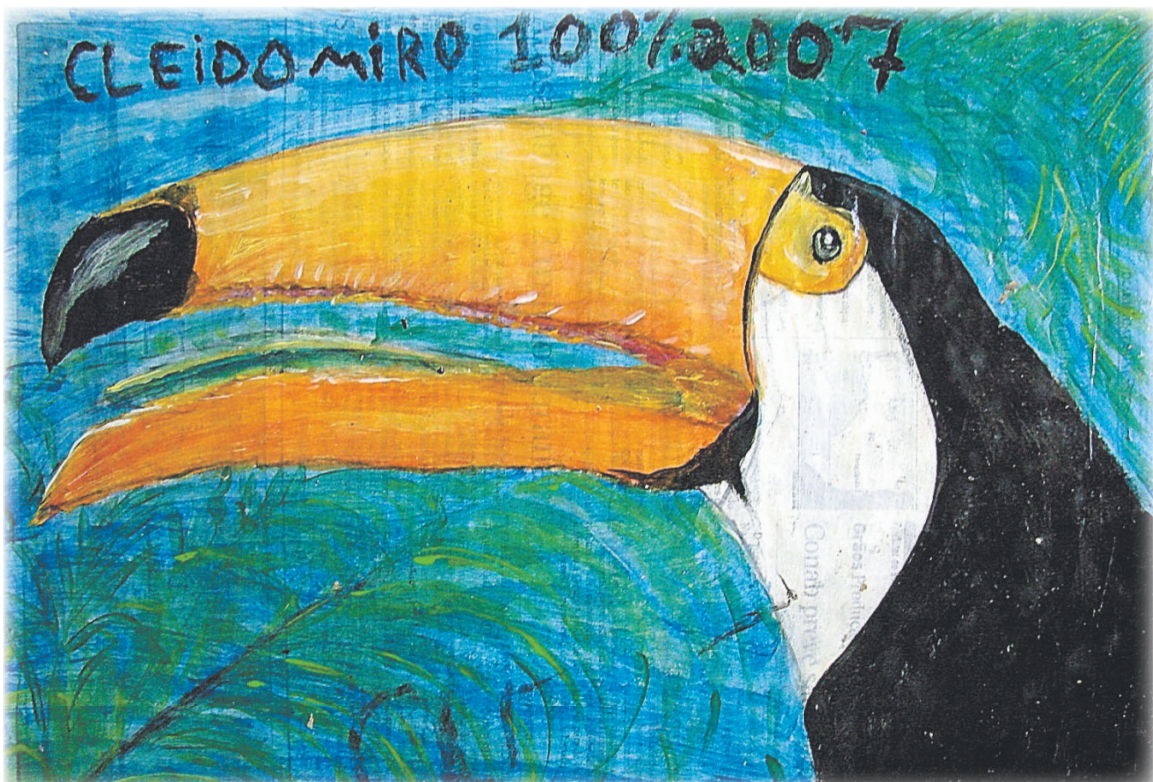
Renato Machado, 10 anos, 2ª série



Victor Pacheco dos Santos, 11 anos, 5ª série



Lucas Max, 13 anos, 6ª série



Cleidomir Nascimento Fermino, 12 anos, 4ª série



Ezidias de Castro Antônio, 9 anos, 2ª série



Maria Luiza da Silva, 11 anos, 5ª série



Macon Douglas, 11 anos, 5ª série



DANIEL CONZI

Diretora Dolores Magnus da Silva afirma que o colégio tenta resolver os casos de bullying com conversas entre os estudantes envolvidos, professores e pais

Palavras que incomodam

Dar apelidos a colegas é comum em qualquer sala de aula. Às vezes, eles são levados numa boa; em outras, nem tanto. Ser chamado por algum nome metido a engraçado pode se tornar uma verdadeira tortura à criança ou ao adolescente apelidado. A prática é apenas uma das muitas que podem ser caracterizadas como bullying.

Características

Pelo menos **28%** das crianças brasileiras já foram vítimas de bullying e **15%** sofriam agressões todas as semanas. A informação é da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (Abrapia).

A palavra inglesa se refere a agressões físicas, verbais, humilha-

ções praticadas por um grupo de estudantes contra algum colega. Apesar de isso acontecer todos os dias nas escolas, particulares ou públicas, com alunos de todas as idades, especialistas alertam que a prática não pode ser considerada normal.

A Escola Estadual Silveira de Souza, em Florianópolis, não foge à regra. Nos corredores, durante o recreio, ou na sala de aula, o bullying está presente e virou assunto para ser discutido entre os alunos.

Professores

trabalharam a questão nas aulas e aquilo que era visto pelos estudantes todos os dias ganhou uma denominação.

Um aluno de 12 anos disse que ficou surpreso quando soube que as agressões verbais, muitas vezes, presenciadas por ele eram caracterizadas como bullying. Ele desconhecia o termo, que do inglês vem de "bull" (valentão, brigão).

O estudante relata que nota a prática principalmente no recreio e quando presencia a cena, corre para outro lado.

– Se eu vejo, prefiro ir até para outro lugar, senão já me perguntam porque eu tô olhando.

A mesma atitude é tomada por uma colega de 13 anos. Esta conta que quando vê alguém sendo agredido prefere não falar nada.

– Eu não me meto, porque pode sobrar pra mim.

Colégio tenta resolver problema com conversa

A diretora da escola, Dolores Magnus da Silva, afirma que o colégio tenta resolver os casos de bullying com conversas entre os alunos envolvidos, professores, pais e até mesmo a turma inteira.

Entre as práticas mais observadas estão xingamentos, apelidos, ameaças, intimidações e formação de grupinhos contra uma só pessoa.

– Interferimos nessas questões diariamente. Tentamos orientar os alunos da melhor maneira possível para garantir um clima de aprendizado saudável, para que ninguém se sinta humilhado.

A diretora relata o caso de um aluno que teve o sobrenome trocado por um apelido e que todo dia ele aparecia na diretoria chorando.

– Ele chorava muito, chamamos a mãe, fizemos uma reunião com a turma, realizamos uma mesa-redonda.

Na Delegacia de Proteção à Mulher e ao Menor Infrator da Capital, a delegada Sandra Mara Pereira informa que pelos menos duas vezes por semana há boletins registrados por pais que tiveram filhos agredidos na escola.

– No entanto, não dá para afirmar que são casos de bullying, porque não é uma ação continuada, geralmente são brigas na saída, ameaças porque um aluno é irmão de traficante.

Os nomes dos dois estudantes desta matéria foram omitidos porque, ao presenciar cenas de bullying, eles sofreram algum tipo de constrangimento.

Problema pode chegar à vida adulta

A psicopedagoga Márcia Fiates alerta que as vítimas do bullying ficam com a auto-estima muito baixa e os problemas emocionais podem chegar à vida adulta. Por isso, o jovem que sofre agressões na escola precisa ser encaminhado para um acompanhamento psicológico.

Márcia observa que os principais agressores são pessoas com problemas psicológicos. Ela explica que o lado manipulador e dominador esconde, na verdade, fraqueza, e o desejo de se posicionar pela força.

A psicopedagoga Laura Gonçalves Costa diz que é importante a escola discutir o assunto em aula e promover uma harmonização do grupo, já que a vítima não consegue se defender.

– Além disso, os alunos que assistem às agressões têm medo de denunciar porque acham que podem ser a próxima vítima. A escola precisa fazer um trabalho de conscientização.

Laura acrescenta que o bullying deve ser pensado como um reflexo da sociedade, que não aceita pessoas fora do padrão e que, geralmente, os agressores vêm de famílias desestruturadas, com comportamento agressivo.

– É aquela família que não tem um olhar afetuoso, amoroso. Os primeiros valores sociais são aprendidos no núcleo familiar – explica a psicopedagoga.

Características

As psicopedagogas Laura Gonçalves Costa e Márcia Fiates listam algumas características que podem ser identificadas nas vítimas e nos agressores. Elas ressaltam que é importante os pais estarem sempre atentos a esses sinais:

Vítimas

Baixa auto-estima
Insegurança
Dificuldade no aprendizado
Timidez
Dificuldade de se sociabilizar
Transtornos de alimentação
Depressão
Desculpas para não ir à escola
Chora facilmente

Agressores

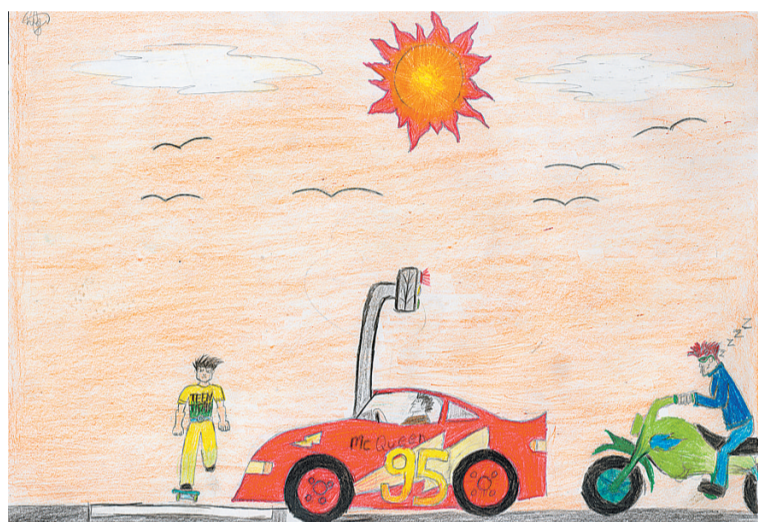
Auto-afirmação
Desejo de ser popular
Ter status e reconhecimento
Manipuladores e controladores
Baixo rendimento escolar



Trânsito seguro

A Semana do Trânsito, em setembro, inspirou o tema de um interessante trabalho na Escola Estadual Básica Aloysius Back, de Forquilha, no Sul de SC. O assunto foi tratado em diversas disciplinas. Em artes, sob a orientação da professora Sílvia Back, os estudantes da 5ª a 8ª série realizaram produções artísticas a partir das leis de trânsito.

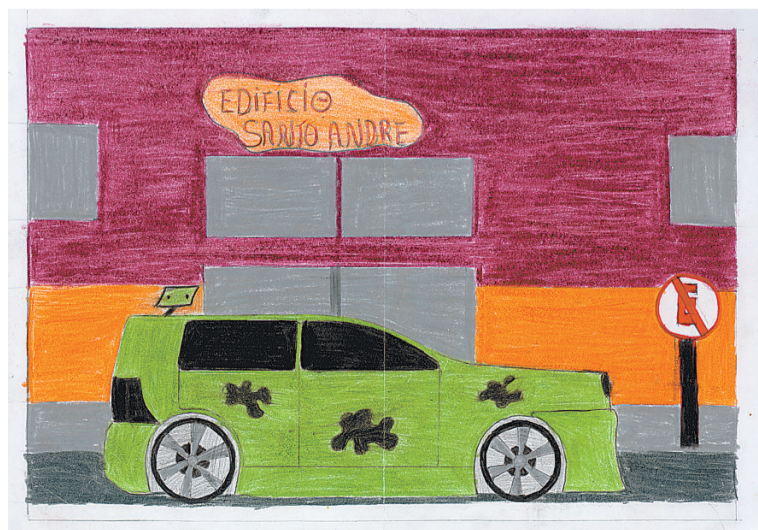
Eles desenharam cenas reais ocorridas diariamente nas ruas de nossas cidades. Com o título "É proibido", as produções dos alunos foram expostas no pátio da escola.



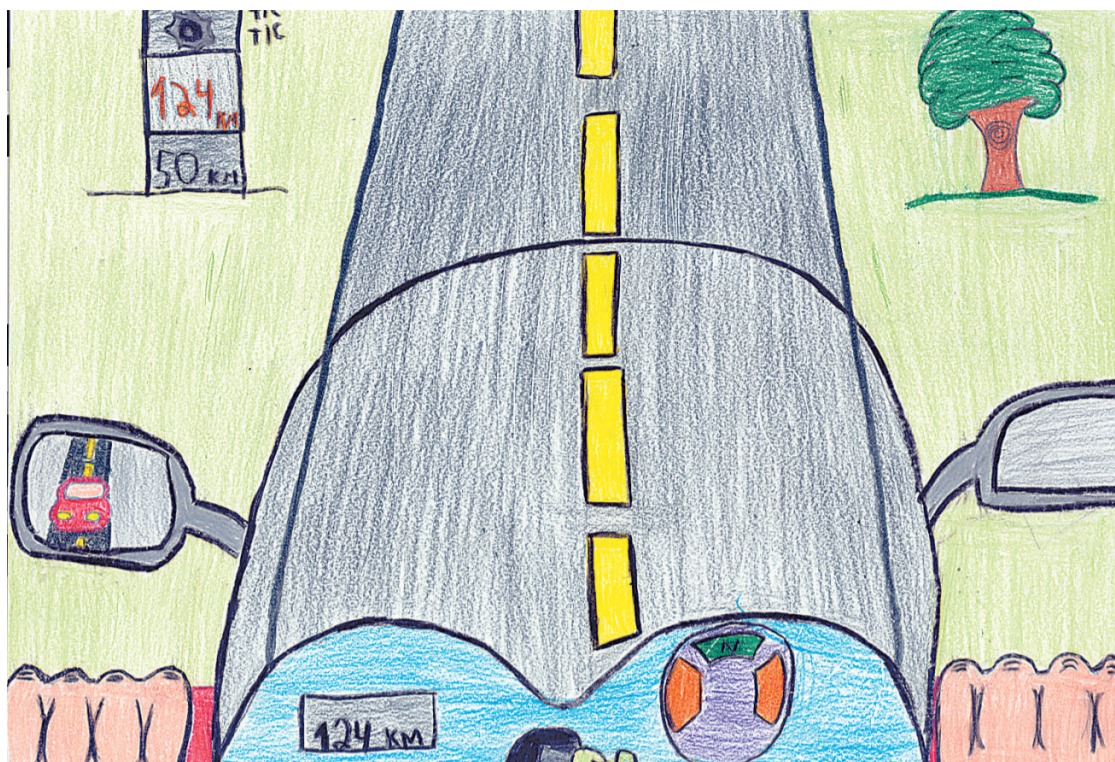
Regiane Heerd de Souza, 10 anos, 5ª série



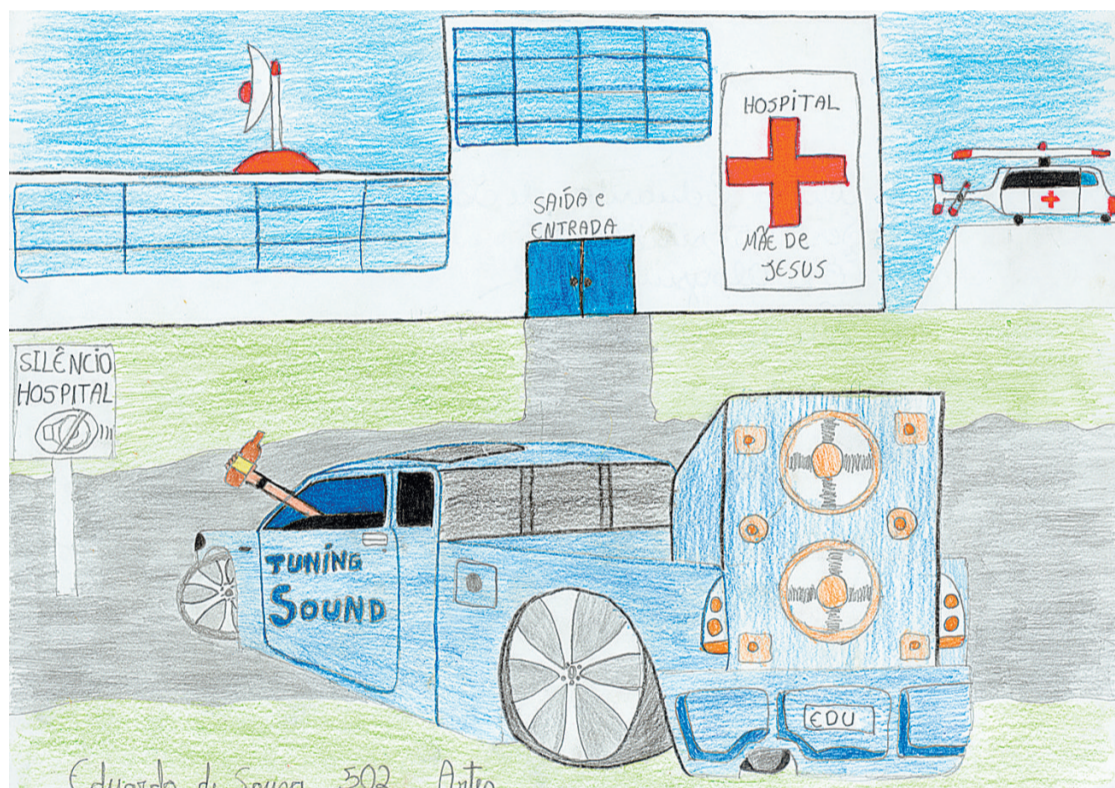
Clark Araújo, 11 anos, 5ª série



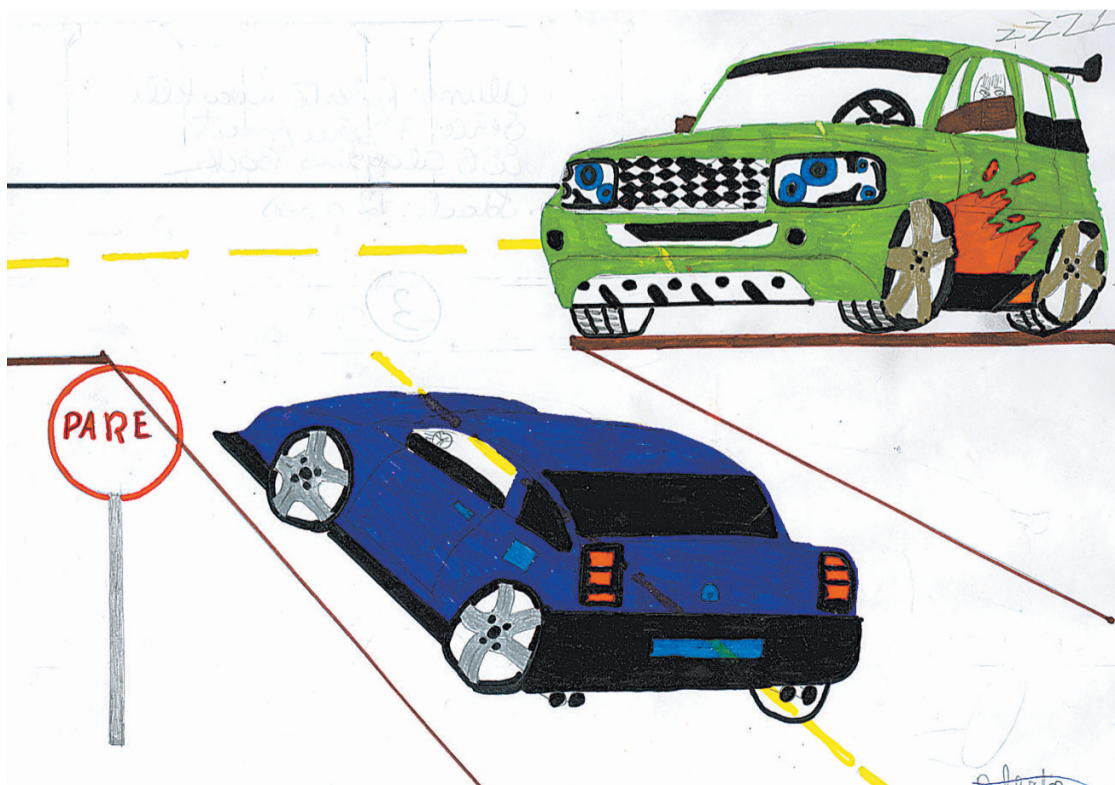
Willian Ramos, 12 anos, 7ª série



Cristofer Tramontim Rocha, 11 anos, 6ª série



Eduardo de Souza, 10 anos, 5ª série



Roberto Locatelli, 12 anos, 7ª série

O Grito levado ao cotidiano

A obra *O Grito*, de Edward Munch, foi a inspiração para os alunos da Escola de Educação Básica São Ludgero desenvolverem belos trabalhos, atividade aplicada pela professora Geisa Baschirotto. Ela explicou aos estudantes que o Expressionismo é um movimento artístico que explora, através do instinto, os sentimentos humanos de maneira dramática e subjetiva.

Para isso, explica, são utilizadas cores fortes e distorcidas. A obra *O Grito* é um dos ícones do Expressionismo. No trabalho, cada estudante tentou representar no desenho um personagem que estivesse gritando. Segundo a professora, este grito poderia ser algo que os alunos estão vendo acontecer de forma errada na sociedade, como o aquecimento global e as injustiças sociais, fazendo refletir sobre as coisas que estão ocorrendo ao nosso redor e como estão ficando as pessoas e o mundo.



Jéssica Meurer Kuerten, 15 anos



Katiani Feldhausen, 15 anos



Rafaela França, 15 anos



Débora Beltrame Jocken, 15 anos



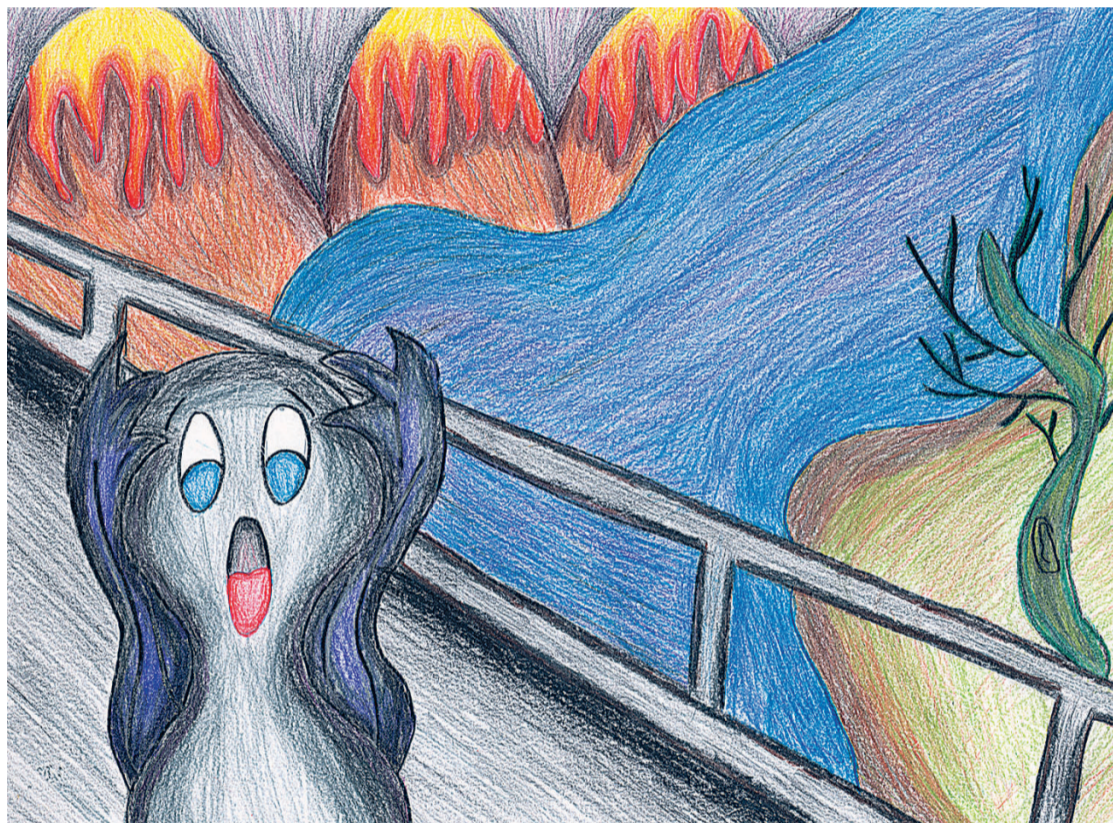
Anderson Guedes Martins, 15 anos



Gleiciani de Assunção, 15 anos



Júlia Pickler, 15 anos



Jéssica Klima Emerenciano, 15 anos



Maiara Nataxa Willani, 15 anos



Viviani Becker, 15 anos



Joelma Schlickmann, 15 anos



Morgana Arent, 14 anos